

SAADI, RUMI, HAN FEI, KHALIL  
GIBRAN & OUTROS AUTORES

BREVES CONTOS  
ORIENTAIS



FREE BOOKS



**Saadi, Rumi, Han Fei, Khalil  
Gibran e outros autores**

**BREVES CONTOS  
ORIENTAIS**

**Free Books  
2021**

# SUMÁRIO

CHINA.....	7
SONHOS.....	8
O ESPELHO DA ARCA .....	11
A TERRA DOS SONHOS.....	13
O PINTOR .....	15
O VENDEDOR DE LANÇAS E ESCUDOS .....	17
A PROTEÇÃO PELO LIVRO .....	18
O DEBATE.....	21
O HOMEM E A MORTE.....	24
UMA LIÇÃO DE VIDA .....	27
ÍNDIA.....	32
A VARA DE BAMBU .....	33
O VELHO, O MENINO E O BURRO .....	36
O BARQUEIRO INCULTO .....	39
O POTE RACHADO.....	42
O ASCETA E A PROSTITUTA.....	45
JAPÃO .....	49
A FONTE DA JUVENTUDE .....	50
A ESCOLA DA FOME.....	56
UM OVO.....	58

OS MONGES E A DONZELA .....	59
MALÁSIA .....	62
O NAVIO CHINÊS .....	63
ORIENTE MÉDIO.....	67
A ÁGUA DO PARAÍSO.....	68
UMA BOA SAÍDA.....	72
A VELHA E O SULTÃO .....	74
O LOUCO .....	77
O REI SÁBIO.....	79
A ESTÁTUA.....	81
AS SONÂMBULAS .....	83
O VELHO, VELHO VINHO.....	85
OS DOIS HOMENS SÁBIOS .....	87
OS DOIS AMIGOS.....	89
O CONSELHO SALVADOR .....	91
OS ESPECIALISTAS DA MORTE.....	95
PÉRSIA.....	97
O TESOURO .....	98
SALOMÃO E AZRAEL .....	101
TURQUIA .....	103
A ESPOSA PREFERIDA .....	104

<b>O CASTIGO .....</b>	<b>105</b>
<b>REFLEXÃO .....</b>	<b>107</b>
<b>O JUIZ JULGADO .....</b>	<b>109</b>
<b>ENGANANDO A MORTE.....</b>	<b>111</b>
<b>O BURRO MAL-EDUCADO .....</b>	<b>113</b>
<b>O MILAGRE.....</b>	<b>114</b>
<b>CRÉDITOS .....</b>	<b>116</b>

CHINA

中國

## SONHOS

Conto tradicional – Autor anônimo

O patriarca do clã Yin, no estado de Chou, era dono uma grande fazenda. Lá, os seus servos trabalhavam, sem descanso, de sol a sol. Dentre estes, havia homem, já velho, cujos músculos estavam exauridos de tanto esforço. O líder do clã, todavia, continuava a encarregá-lo das mais árduas tarefas. Queixava-se o ancião da faina opressora enquanto diariamente cumpria os seus deveres no campo. À noite, dormia como um tronco, insensibilizado pelo cansaço e pelo espírito intensamente abatido. E todas as noites sonhava que era o rei daquelas glebas, que comandava toda aquela gente, e que se encarregava de todos os assuntos de estado. No palácio, seguia de festa em festa, sem preocupação alguma, e todos os seus desejos eram satisfeitos. Não havia limite aos seus



prazeres. Mas, pela manhã, acordava e voltava ao trabalho duro.

O ancião dizia àqueles que queriam consolá-lo:

— O ser humano vive cem anos, dos quais uma metade são dias e a outra são noites. Durante o dia, sou um simples servo, e as atribulações de minha vida são como são. Mas, de noite, ou sou senhor de homens e não há maior satisfação que esta. De que hei de me queixar na vida?

O espírito do patriarca, suserano daquelas terras, ocupava-se de assuntos mundanos e a sua atenção se voltava inteiramente para a propriedade. Com o corpo e intelecto esgotados, quando se deitava para dormir, também ficava insensibilizado por conta da fadiga.

Mas, de noite, ele sonhava que era um servo que não parava de trabalhar. Se trabalhava mal, era humilhado, recebia bordoadas e suportava tudo o que lhe caía sobre o dorso. Enquanto so-

nhava, estava sempre se queixando em resmungos, e somente se sentia aliviado com a chegada da manhã.

O líder do clã expôs o seu problema a um amigo, e este lhe respondeu:

— A tua situação econômica te rende mais riquezas e honrarias do que a qualquer outro homem. O sonho em que és um servo nada mais é do que o ciclo da comodidade e da atribulação. Assim tem sido, sempre, a lei da fortuna humana. Como os teus sonhos poderiam ser iguais a teus estados de vigília?

O patriarca meditou sobre a observação do amigo e tornou mais leve a faina de seus servos. Reduziu, também, as suas preocupações. Deste modo, pôde lograr um pouco de consolo em seus sonhos.

## O ESPELHO DA ARCA

Conto tradicional – Autor anônimo

Regressando de uma viagem de negócios, um homem comprou, na cidade, um espelho, um objeto que nunca tinha visto antes, e nem mesmo sabia o que era. Mas foi precisamente esta ignorância que o atraiu ao misterioso e fascinante objeto, pois o homem pensava reconhecer nele o rosto do seu saudoso pai. Comprou-o e, sem nada dizer à sua mulher, guardou-o numa arca no sótão da casa. De vez em quando, quando se sentia triste e solitário, ia "ver o pai".

A sua mulher, contudo, o encontrava muito afetado cada vez que o via regressar do sótão. Por isso, certo dia, ela espiou-o e descobriu que havia algo na arca e que o marido ficava a fitá-lo por muito tempo.

Quando o marido foi trabalhar, a esposa abriu a arca e viu nela uma mulher

cujas características lhe pareciam familiares, mas que não sabia dizer quem era. Daí surgiu uma grande discussão entre eles, pois a esposa afirmava que dentro da arca havia uma mulher, enquanto o marido dizia que era o seu pai quem estava lá dentro.

Nesse momento, passou um monge que era muito venerado pela comunidade e, quando os viu discutindo, quis ajudá-los a restabelecer a paz naquele lar. O casal explicou-lhe o dilema e o convidou a ir até ao sótão e a olhar para dentro da arca. O monge obedeceu e, para surpresa do casal, assegurou-lhes:

— Não é uma mulher nem o pai de meu anfitrião que está no fundo deste baú. Em verdade, nele há um velho e honorável monge budista.

Assim, o casal ficou apaziguado.

## A TERRA DOS SONHOS

Conto tradicional – Autor anônimo

Costumava o professor fazer uma sesta todas as tardes. As crianças lhe perguntavam por que fazia isto.

— Quando durmo, vou à terra dos sonhos para reunir-me com os sábios antigos, como fazia Confúcio — respondia o mestre.

Certo dia, fazia um calor terrível. Por isto, alguns discípulos tiraram um cochilo. Porque o professor os repreendeu, eles explicaram:

— Fomos à terra dos sonhos para conhecer os sábios antigos, como fazia Confúcio.

— E qual foi a mensagem que lhes deram aqueles sábios? — perguntou o professor.

Então, um dos discípulos respondeu:

— Fomos à terra dos sonhos. Lá, nós nos encontramos com os sábios. A eles perguntamos se nosso professor ia lá todas as tardes, mas eles garantiram que jamais haviam visto tal pessoa por lá.

## O PINTOR

Conto tradicional – Autor anônimo

Um pintor muito talentoso foi enviado pelo imperador a uma província distante, desconhecida e recentemente conquistada, com a missão de trazer de volta pinturas retratando as paisagens do lugar. Era desejo do imperador assim conhecer aquela província.

O pintor viajou muito, visitando os quatro cantos dos novos territórios, mas regressou à capital sem uma única imagem. Não trazia consigo um esboço sequer.

O imperador ficou surpreso e, mesmo, aborrecido.

Assim, o pintor pediu que lhe fosse reservado um grande espaço na parede do palácio. Naquele mural, ele representaria todo o país por onde tinha acabado de passar. Quando a obra terminou, o imperador foi visitar a imensa pintura. O

pintor, de pincel na mão, explicou-lhe cada canto da paisagem, as montanhas, os rios, as florestas.

Quando a descrição foi concluída, o pintor aproximou-se de um caminho estreito que saía do primeiro plano do quadro e parecia perder-se no espaço. Os ajudantes tiveram a sensação de que o corpo do pintor entrava gradualmente no caminho, que avançava pouco a pouco na paisagem, que diminuía à medida que avançava. Em breve, uma curva na estrada escondeu-o de seus olhos. E, de imediato, toda a paisagem desapareceu, deixando o grande muro descoberto.

O imperador e as pessoas à sua volta regressaram aos seus quartos em silêncio.



## O VENDEDOR DE LANÇAS E ESCUDOS

Han Fei

(c. 280 – 233 a.C.)

No reino de Chu vivia um homem que vendia lanças e escudos.

— Os meus escudos são tão sólidos — vangloriava-se ele — que nada os pode perfurar. E as minhas lanças são tão afiadas que nada consegue penetrá-las.

— E se uma das suas lanças colidir com um dos seus escudos? — alguém perguntou.

O vendedor não soube o que dizer.

## A PROTEÇÃO PELO LIVRO

Conto tradicional – Autor anônimo

O literato Wu, de Ch'iang Ling, havia insultado o mago Chang Ch'i Shen. Certo de que este procuraria vingar-se, Wu passou a noite acordado, lendo, à luz da lamparina, o sagrado *I Ching* (Livro das Mutações).

De súbito, ouviu uma rajada de vento que rodeava a casa. À porta, surgiu um guerreiro que o ameaçou com uma lança. Wu o derrubou com o livro. Ao inclinar-se para vê-lo, notou que era apenas uma figura recortada em papel. Guardou-a entre as folhas do livro.

Pouco depois, entraram dois pequenos espíritos malignos, de cara negra, brandindo machados. Estes, também, quando derrubados pelo livro, exibiram-se figuras de papel. Wu guardou-as como fez com a primeira.

À meia-noite, uma mulher, chorando e gemendo, bateu à porta.

— Sou a mulher de Chang — disse ela. — Meu marido e meus filhos vieram atacá-lo, e o senhor os encerrou em seu livro. Eu lhe suplico que os ponha em liberdade.

— Nem seus filhos nem seu marido estão em meu livro — respondeu Wu. — Só tenho estas figuras de papel.

— Suas almas estão nas figuras — acresceu a mulher. — Se, até a madrugada, não voltarem, seus corpos, que jazem em casa, não poderão recobrar a vida.

— Malditos bruxos! — gritou Wu. — Que clemência podem esperar? Não penso em pô-los em liberdade. Por piedade, devolverei apenas um de seus filhos, mas não me peça mais nada!

E entregou à mulher uma das figuras de face negra.

No dia seguinte, o literato Wu soube que o mago e seu filho primogênito haviam morrido durante a noite.

## O DEBATE

Conto tradicional – Autor anônimo

Dois irmãos monges viviam num templo budista: o mais velho era culto e instruído, enquanto o mais novo era míope de um olho e cego do outro.

Certo dia, um monge errante apareceu no templo. Desde que lance um desafio a um debate sobre budismo e derrote os residentes, qualquer monge errante pode ficar num templo Zen. Caso seja derrotado, tem de partir.

O irmão mais velho — que, neste dia, sentia-se cansado devido às longas horas de estudo — disse ao irmão mais novo:

— Vai e enfrenta o forasteiro no debate, mas em silêncio.

Assim, o jovem monge e o forasteiro foram ao santuário e ocuparam os seus lugares. Pouco depois, o viajante levan-

tou-se, foi ter com o irmão mais velho, e disse-lhe:

— O teu irmão mais novo me derrotou-me. Ele é uma pessoa admirável.

— Diz-me o que sucedeu entre vós — pediu o irmão mais velho.

— Primeiro, eu levantei um dedo, representando Buda, o iluminado. Então, ele levantou dois dedos, o que significava Buda e os seus ensinamentos. Levantei três dedos, representando Buda, os seus ensinamentos e os seus seguidores. Então o seu irmão acenou com o seu punho fechado à minha frente, o que indicava que os três vinham da mesma essência e conhecimentos primordiais. Assim, ele ganhou. Não tenho o direito de permanecer aqui.

Dito isto, o viajante partiu.

O irmão mais novo chegou correndo:

— Onde está aquele sujeito?

— Foi embora, porque tu o venceste.

— Ora, eu não venci ninguém! E vou quebrar-lhe a cara!

— Conta-me sobre o debate — pediu o mais velho.

— Vê bem: assim que me viu, o estranho levantou um dedo, insultando-me por eu ter apenas um olho. Como era um hóspede, fui educado com ele e levantei dois dedos, felicitando-o por ter dois olhos. Então o infeliz levantou três dedos, sugerindo que, juntos, tínhamos somente três olhos. Por isso, zanguei-me e parti para lhe bater com um punho cerrado... mas ele saiu correndo!

## O HOMEM E A MORTE

Conto tradicional – Autor anônimo

Certa feita, um jovem ajoelhou-se junto a um rio. Mergulhou os braços na água para refrescar o rosto e lá, na água, viu, subitamente, a imagem da morte. Levantou-se muito assustado e perguntou:

— Mas... o que queres? — Eu sou jovem! Por que vens buscar-me sem avisar?

— Não venho levar-te — respondeu a voz da morte. — Acalma-te e volta para casa, porque estou à espera de outra pessoa. Não irei à tua procura sem aviso prévio, eu te prometo.

O jovem entrou em casa muito feliz. Tornou-se um homem, casou-se, teve filhos, seguiu o curso da sua vida tranquila. Em um dia de verão, encontrando-se à margem do mesmo rio, parou de novo para se refrescar. E viu novamente



a face da morte. Cumprimentou-a e quis levantar-se. Mas uma força manteve-o ajoelhado junto à água. Assustado, perguntou:

— Mas... o que é que queres?

— É a ti que eu quero — respondeu a voz da morte. — Hoje vim à tua procura.

— Tu me tinhas prometido que não virias procurar-me sem me avisar primeiro! Não cumpriste a tua promessa!

— Enganas-te. Eu te avisei.

— Como assim?

— De mil maneiras. Cada vez que olhaste ao espelho, viste aparecerem as tuas rugas e que o teu cabelo ficava branco. Sentiste falta de ar e as tuas articulações estavam a enrijecer. Como podes dizer que eu não te avisei?

E levou-o para o fundo da água.

COREIA

대한민국

## UMA LIÇÃO DE VIDA

Conto tradicional – Autor anônimo

Um dia, um velho sacerdote parou numa estalagem situada à beira da estrada. Uma vez instalado, estendeu o seu tapete e sentou-se, colocando ao seu lado os alforjes que trazia consigo.

Pouco depois, também chegou à estalagem um jovem da vizinhança. Era lavrador e usava uma vestimenta curta, não um manto, como os sacerdotes ou os homens que se dedicavam ao estudo. Sentou-se a uma curta distância do sacerdote e, alguns momentos depois, os dois estavam conversando e rindo alegremente.

De vez em quando, o jovem olhava para o seu pobre traje e, finalmente, com um suspiro, exclamou:

— Veja como sou miserável!

— Mas — respondeu o sacerdote — me parece que és um rapaz saudável e

bem alimentado. Por que motivo, no meio da nossa agradável conversa, tu te queixas de ser um pobre desgraçado?

— Como podes imaginar — respondeu o rapaz —, não consigo encontrar muitos prazeres na vida, pois trabalho todos os dias do nascer ao pôr do Sol. Em vez disso, gostaria de ser um grande general e vencer batalhas, ou um homem rico, ou comer e beber magnificamente, ou ouvir boa música, ou talvez ser um grande homem na corte e ajudar o nosso soberano, sem esquecer, naturalmente, a minha família, que assim desfrutaria de prosperidade. A qualquer uma destas coisas chamo viver digna e agradavelmente. Eu quero progredir no mundo, mas aqui sou apenas um pobre lavrador. E, se a minha vida não se te afigura miserável, diz-me como ela te parece.

Nada lhe respondeu o sacerdote e a conversa cessou entre os dois. Então o jovem começou a sentir-se sonolento e, enquanto o estalajadeiro preparava ao fogo

uma porção de papa de milho, o outro pegou uma almofada, que tinha nos seus alforjes, e disse ao jovem:

— Coloca a cabeça sobre esta almofada e verás realizados todos os teus desejos.

Aquela almofada era feita de porcelana, redonda como um tubo e aberta em cada extremidade. Assim que o jovem nela repousou a cabeça, começou a sonhar: uma das aberturas parecia tão grande e brilhante na sua parte inferior que ele se meteu por ali e logo se encontrou na sua própria casa.

Algum tempo passou e o jovem se casou com uma linda donzela. Não tardou a ganhar a cada dia mais dinheiro, e assim podia dar-se ao prazer de usar roupas bonitas e passar longas horas a estudar. No ano seguinte, prestou concurso e foi nomeado magistrado.

Dois ou três anos mais tarde, e sempre a progredir na sua carreira, alcançou o cargo de primeiro-ministro do rei. Du-

rante um longo período, o monarca depositou nele toda a sua confiança, mas, num dia fatídico, encontrou-se numa situação desagradável, pois foi acusado de traição, julgado e condenado à morte. Juntamente com vários outros criminosos, foi conduzido ao local previsto para a execução. Lá chegando, fizeram-no ajoelhar-se e o carrasco aproximou-se para dar-lhe a morte.

De repente, aterrorizado com o golpe mortal que o esperava, abriu os olhos e, com grande espanto da sua parte, viu-se na estalagem. O sacerdote estava ao seu lado, com a cabeça apoiada no alforje, e o estalajadeiro ainda estava cozinhando o mingau.

O jovem ficou em silêncio. Comeu sem dizer palavra. Depois, levantou-se, fez uma mesura para o sacerdote e disse:

— Agradeço-te muito a lição de vida que me deste. Agora sei o que significa ser um grande homem.

E tendo dito isto, despediu-se. Satisfeito, voltou ao seu trabalho, que já não parecia tão miserável como antes.

ÍNDIA

भारत



## A VARA DE BAMBU

Conto tradicional – Autor anônimo

No Norte da Índia havia um próspero reino cujo monarca atingira uma idade avançada. Certo dia, o rei convocou um iogue, que vivia em profunda meditação na floresta, e disse-lhe:

— Homem misericordioso, o teu rei quer que tomes esta haste de bambu e caminhes por todo o reino com ela. Eu digo o que deves fazer. Viajarás sem canso de cidade em cidade, de vila em vila e de aldeia em aldeia. Quando encontrares uma pessoa que considere a mais tola entre todas, deves dar-lhe esta vara.

— Embora não reconheça outro soberano que não seja o meu verdadeiro eu interior, farei o que dizeis para vos agradecer. Estarei a caminho prontamente.

O iogue pegou o caniço que o rei lhe dera e partiu imediatamente. Viajou sem

descanso, lançando os seus pés em todas as estradas da Índia. Percorreu muitos lugares e conheceu muita gente, mas não encontrou nenhum ser humano que pudesse considerar o mais tolo. Passaram-se alguns meses e ele regressou ao palácio do rei. Soube que o monarca havia ficado gravemente doente e correu aos seus aposentos. Os médicos explicaram ao iogue que o rei estava à beira da morte e que se esperava muito brevemente um desenlace fatal. O iogue aproximou-se do leito do moribundo.

Com uma voz trêmula, mas audível, o monarca se lamentava:

— Quão infeliz, quão desafortunado eu sou! Em toda a minha, vida acumulei enormes riquezas, e agora me pergunto o que devo fazer para levá-las comigo... Oh, o que farei? Não quero deixar as minhas riquezas, não quero abandonar os meus tesouros tão duramente conquistados!

O iogue, cumprindo a sua longa missão, entregou a cana de bambu ao rei.

## O VELHO, O MENINO E O BURRO

Conto tradicional – Autor anônimo

Um homem velho e uma criança viajavam com um burro de vila em vila.

Chegaram a uma aldeia caminhando ao lado do burro e, ao transitarem por ela, um grupo de jovens riu-se deles, gritando:

— Olhem para o par de tolos! Têm um burro e, em vez de montá-lo, caminham ambos ao seu lado. Pelo menos o velhote podia montar o burro.

Então o velhote subiu ao burro e eles continuaram a viagem. Chegaram a outra aldeia e, ao passarem, algumas pessoas ficaram cheias de indignação quando viram o ancião montado no burro e o menino caminhando ao seu lado. Disseram eles:

— Parece mentira! Que atrevimento! O velho sentado no burro e a pobre criança andando a pé.

Ao deixarem o vilarejo, o velho e a criança trocaram de lugar.

Prosseguiram em seu caminho até outro arrabalde. Quando as pessoas os viram, exclamaram, escandalizadas:

— Isto é verdadeiramente intolerável! Alguma vez se viu algo assim? O rapaz no burro e o pobre ancião caminhando ao seu lado.

— Que vergonha!

Postas assim as coisas, o garoto e o velho decidiram compartilhar o burro. O fiel mulo levava agora os dois pesos sobre lombo. Cruzaram-se com um grupo de camponeses e estes começaram a vociferar:

— Canalhas! Não têm coração? Vão rebentar o pobre animal!

O velho e o menino optaram por carregar o burro em seus ombros. Desta forma, chegaram ao vilarejo seguinte. As

peessoas aglomeraram-se à sua volta. Em meio a risadas, os aldeões zombavam deles, gritando:

— Nunca vimos pessoas tão néscias. Têm um burro e, em vez de montarem nele, carregam-no nos ombros. Esta é muito boa! Que par de tolos!

De repente, o burro mexeu-se, precipitou-se para um barranco e morreu.

## O BARQUEIRO INCULTO

Conto tradicional – Autor anônimo

Era um jovem erudito, arrogante e convencido. Para atravessar um poderoso rio de uma à outra margem, apanhou um barco. Silencioso e submisso, o barqueiro começou a remar diligentemente. De repente, um bando de aves cruzou o céu e o jovem perguntou ao barqueiro:

— Meu bom homem, já estudaste a vida das aves?

— Não, senhor — respondeu, humildemente, o barqueiro.

— Então, meu amigo, perdeste um quarto da tua vida.

Passados alguns minutos, o barco deslizou junto a algumas plantas exóticas que flutuavam nas águas do rio. O jovem perguntou ao barqueiro:

— Diz-me, barqueiro, já estudaste botânica?

— Não, senhor; eu não sei nada sobre as plantas.

— Bem, devo dizer-lhe que perdeste metade da tua vida — disse o petulante jovem.

O barqueiro continuou a remar pacientemente. O Sol do meio-dia brilhava intensamente sobre as águas do rio. Então o jovem perguntou:

— Sem dúvida que tu deslizas sobre a água há muitos anos. A propósito, sabes tu alguma coisa sobre a natureza da água?

— Não, senhor, não sei nada sobre isto. Nada sei sobre estas águas ou qualquer outra.

— Oh, meu amigo! — exclamou o moço. — Perdeste definitivamente três quartos da tua vida.

De repente, o barco pôs-se a fazer água. Não havia como drená-lo e o barco começou a afundar. O barqueiro perguntou ao jovem:

— O senhor sabe nadar?



- Não — respondeu o jovem.
- Então receio, senhor, que tenha perdido toda a sua vida.

## O POTE RACHADO

Conto tradicional – Autor anônimo

Um carregador de água tinha apenas dois grandes potes. Levava cada um deles pendurado na ponta de uma vara atravessada sobre os ombros. Um dos potes tinha várias rachaduras e por elas a água escorria, de modo que, no final do trajeto, conservava apenas metade de sua capacidade. A seu turno, o outro era perfeito e íntegro, e mantinha intacto o seu conteúdo ao longo do caminho. O pote íntegro estava muito orgulhoso de seu sucesso, pois sabia que todos os dias atingia plenamente a finalidade para a qual havia sido fabricado. E o pobre pote fendido estava envergonhado com a sua própria imperfeição e, mais ainda, de não poder cumprir a sua missão satisfatoriamente. Assim, transcorridos dois anos, o pote rachado disse ao carregador:

— Sinto muita vergonha de minhas imperfeições e quero me desculpar contigo porque, devido às minhas rachaduras, ganhas apenas a metade do valor que deverias receber por seu trabalho.

O carregador respondeu:

— Quando voltarmos para casa, quero que contemples as belíssimas flores que crescem ao longo da estrada.

Assim fez o pote e, de fato, viu muitíssimas belas flores ao longo da vereda. Mas continuou sentindo-se culpado porque, findo o trajeto, conservava apenas em seu interior a metade da água que trazia no início da jornada.

O carregador disse-lhe, então:

— Notaste que as flores só crescem no lado do caminho para o qual tu estás sempre voltado? Eu quis tirar o lado positivo de tuas rachaduras e semeei a margem da estrada com sementes de flores. Todos os dias, cuidas de bem

regá-las e há dois anos eu as colho. Não foste tu exatamente como és, com tuas capacidades e limitações, não me seria possível produzir toda esta beleza. Cada um de nós é um pote fendido em algum lugar, mas sempre existe a possibilidade de aproveitar as ranhuras e obter bons resultados.

## O ASCETA E A PROSTITUTA

Conto tradicional – Autor anônimo

Viviam numa cidade, frente a frente, um asceta e uma prostituta. O asceta levava uma vida de penitência e rigor, mal comia ou bebia, e dormia numa choupana miserável. A mulher era visitada muito frequentemente por homens. Um dia, o asceta repreendeu a prostituta:

— Que tipo de vida é a tua, mulher pervertida? És corrompida e corrompes os demais. Insultas a Deus com o teu comportamento obsceno.

Ouvindo tais palavras, a mulher sentiu-se muito triste. Queria ela realmente levar outro modo de vida, mas isto era muito difícil, dadas as suas condições. Embora não pudesse mudar sua maneira de obter alguns trocados, profundamente lamentava ter de recorrer à prostituição, e, cada vez que

era possuída por um homem, voltava a sua mente para o Divino.

De sua parte, o asceta viu, com grande desagrado, que a mulher, apesar de tão severamente admoestada, continuava a ser visitada por toda espécie de indivíduos. Tomou a resolução de coletar uma pedrinha para cada indivíduo que entrava no casebre da prostituta. Passado algum tempo, ele tinha uma boa pilha de pedras. Chamou a prostituta e censurou-a:

— Mulher, és terrível! Vês estas pedrinhas? Cada uma delas representa um de teus abomináveis pecados.

A mulher sentiu uma grande tribulação.

Ela desejava profundamente que Deus a afastasse desse modo de vida e, algumas semanas depois, a morte a levou embora. Naquele mesmo dia, por desígnio do destino inexorável, o asceta também morreu. E eis que, na espiritualidade, a mulher foi conduzida

para as regiões de sublime luz e o asceta mergulhou nas zonas de densa escuridão.

Quando viu para onde o levaram, o asceta protestou enérgica e furiosamente contra a injustiça que Deus cometera contra ele. Um mensageiro do Divino explicou-lhe:

— Queixas-te tu de ter sido atirado às zonas inferiores, apesar de teres passado a tua vida em austeridades e penitências, e que, ao invés, a mulher foi elevada às regiões de luz. Mas não compreendes que somos nós aquilo que colhemos? Ali jaz o teu corpo, aspergido com perfumes e coberto com pétalas de rosa, honrado por todos, cortejado por músicos e carpideiras, pronto a ser cremado com todas as honras. Em vez disso, olha para o corpo da prostituta, abandonado aos abutres e aos chacais, ignorado e desprezado por todos. No entanto, ela cultivava a pureza e elevados ideais em seu coração,

pensando constantemente em Deus. Quanto a ti, pelo contrário, de tanto e insistentemente olhares para o pecado, tisonavas a tua alma de impurezas. Compreendes, então, por que é que cada um de vós vai para uma região tão diferente?



JAPÃO

日本

## A FONTE DA JUVENTUDE

Conto tradicional – Autor anônimo

Era uma vez um velho carvoeiro que vivia com a sua esposa, também muito idosa. O nome do ancião era Yoshiba; o nome da sua mulher, Fumi. Ambos viviam na ilha sagrada de Mija Jivora, onde a ninguém é dado o direito de morrer. Quando uma pessoa adocece, enviam-na para a ilha vizinha, e, se por acaso alguém morre de repente, enviam apressadamente o corpo para a outra costa.

A ilha, a menor do Japão, é também a mais bela. Está coberta de pinheiros e salgueiros, e no centro ergue-se um belo e solene templo, cujo portal parece penetrar o mar. O mar é mais azul e mais transparente do que se pode imaginar, enquanto o ar é límpido e diáfano.

Os dois anciãos eram queridos por toda a aldeia, que os admirava por duas

virtudes: a sua resignação e persistência em aceitar e superar os altos e baixos da vida, e o mútuo amor que professavam há mais cinquenta anos.

Aquele casamento, como tantos outros no Japão, havia sido arranjado pelos seus pais. Fumi nunca tinha visto Yoshiba antes de casar-se com ele, e Yoshiba, que só a tinha vislumbrado algumas vezes através das cortinas, ficara admirado com o seu rosto oval, a graça da sua figura, e a doçura do seu olhar. Desde o dia do casamento, a admiração e a adoração eram mútuas. Ambos desfrutaram da alegria do seu casamento, que foi mais do que multiplicada por três filhos belos e fortes, mas o casal foi, também, abalado pela tristeza de perder os seus três filhos para o mar, numa noite de tempestade.

Embora não demonstrassem os seus sentimentos aos vizinhos, quando estavam sozinhos Fumi e Yoshiba choravam nos braços um do outro e

enxugavam as suas lágrimas nas mangas dos seus quimonos. No centro da casa, construíram um altar em memória dos seus filhos e todas as noites traziam oferendas e rezavam diante dele. Ultimamente, porém, uma nova preocupação tinha-lhes devolvido a angústia ao coração. Ambos eram muito velhos e sabiam que não lhes restava muito tempo. Mas Yoshiba tinha-se tornado as mãos da sua mulher e Fumi se convertido em seus olhos e pés, e um não sabia como poderia superar a morte do outro. Oh, se ao menos tivessem uma longa vida pela frente!

Uma tarde, Yoshiba sentiu a necessidade de rever o lugar onde tinha trabalhado durante mais de cinquenta anos. Mas, ao chegar à clareira, e ao olhar para as árvores que lhe eram tão familiares, apercebeu-se de que havia algo de novo. Tantos anos labutando ali e ele nunca reparara que, debaixo da mais alta árvore, havia uma fonte de

água límpida e cristalina, que parecia cantar ao cair, e ao seu crepitar — como o das folhas de papel quando amassadas — mesclava-se o murmúrio das folhas movidas pelo sussurro da brisa da noite. Yoshiba sentiu uma sede terrível e aproximou-se da fonte. Recolheu um pouco de água e bebeu. Ao roçar os lábios na água, sentiu a necessidade de beber mais; mas, ao apanhá-la com as mãos, olhou para o seu reflexo na fonte e viu que as rugas no seu rosto tinham desaparecido, o seu cabelo era novamente belo e negro, e o seu corpo parecia mais vigoroso e fortalecido. Essa água tinha um poder misterioso que o fizera rejuvenescer.

Então sentiu a premência de correr para casa e contar à sua mulher aquela maravilhosa descoberta. Quando Fumi o viu chegar, não sabia quem era o rapaz que, de repente, se aproximava da casa; mas, ao estar ao seu lado, olhou-o nos olhos e o reconheceu. Desmaiou ao

recordar os seus anos de juventude, mas Yoshiba a ergueu e contou-lhe o que tinha acontecido na floresta. Ela decidiu visitar o manancial de manhã, porque já era noite e não queria perder-se na espessa escuridão do bosque.

Na manhã seguinte, Fumi partiu para a floresta. Yoshiba calculou que a esposa levaria duas horas no percurso: embora levasse mais tempo no caminho de ida, devido à sua idade e à carência de forças, no regresso viria rapidamente, porque teria recuperado a sua juventude. Mas passaram duas horas, e três, e quatro, e mesmo cinco. Por isso, Yoshiba começou a preocupar-se e decidiu ir ele mesmo ao bosque procurar a esposa.

Quando chegou à clareira, viu a fonte, mas não encontrou ninguém. Entre o farfalhar das folhas e o murmúrio da água, ouviu um leve somido, semelhante ao de um filhote de animal quando está sozinho.

Aproximou-se de algumas sarças, empurrou-as para o lado, e encontrou uma pequena criatura que lhe estendia os braços. Ao segurá-la, viu que reconhecia aquele olhar. Era Fumi, que em sua ânsia juvenil tinha bebido em demasia, assim chegando à sua primeira infância. Yoshiba amarrou-a às suas costas e foi para casa. A partir daí, teria de ser o pai daquela que tinha sido a sua companheira de toda a vida.

## A ESCOLA DA FOME

Conto tradicional – Autor anônimo

Esta história se passa no Japão do século XVII, durante um período de fome.

Um camponês, que nada tinha para alimentar a família, recordou-se de um costume que prometia uma grande recompensa a quem conseguisse desafiar e derrotar o mestre espadachim de uma escola de sabre.

Embora nunca tivesse tocado em uma arma na vida, o camponês desafiou o professor mais famoso da região. No dia ajustado, perante uma grande audiência, os dois homens se enfrentam. O camponês, pouco impressionado com a fama do adversário, aguardava-o com firmeza, enquanto o mestre espadachim mantinha-se um tanto perturbado à vista de tal determinação.



— Quem seria aquele homem? — pensou o mestre. — Vilão algum teria coragem de me desafiar. Não será isto uma armadilha de meus inimigos?

O camponês, instigado pela fome, avançou resolutamente em direção ao rival. O mestre hesitou, intrigado com a total carência de técnica do adversário. Por fim, intimidado, retrocedeu.

Antes mesmo de concluído o primeiro assalto do combate, o mestre sente que será derrotado. Ele abaixa seu sabre e diz:

— És tu o vencedor. Pela primeira vez na vida, fui vencido. Entre todas as escolas de sabre, a minha é a mais renomada. É conhecida pelo nome de "Aquele que dá dez mil golpes com um único gesto". Posso perguntar-te, respeitosamente, o nome da tua escola?

— "A escola da fome" — respondeu o camponês.

## UM OVO

Conto tradicional – Autor anônimo

Um viajante encontrou uma aparição no campo, com uma cabeça tão lisa quanto a de um ovo, sem uma única prega no rosto.

Diante daquele espectro amedrontador, o viajante, aterrorizado e trêmulo, subiu numa carroça que passava pelo caminho, e pediu ao camponês, que a conduzia, para lhe arrear um cavalo imediatamente.

— O que houve? — perguntou o camponês.

— Acabei de ver um homem com uma cara tão lisa quanto um ovo — respondeu o viajante, num estremecimento.

— Então — respondeu o camponês, virando-se para o viajante e exibindo-lhe a face — ele tinha a mesma cara que eu?

## OS MONGES E A DONZELA

Conto tradicional – Autor anônimo

Dois monges, Tanzan e Ekido, viajavam juntos por uma estrada lamacenta. Chovia a cântaros e sem parar. Quando chegaram a um cruzamento, encontraram uma lindíssima donzela, vestida com um quimono e uma cinta de seda, incapaz de atravessar a torrente.

— Vamos, minha jovem! — disse Tanzan.

E, levantando-a nos braços sobre a lama, passou-a para o outro lado.

Ekido não disse uma palavra até eles chegarem, à noite, ao mosteiro. Então, não pôde mais conter-se, dizendo ao companheiro de aventura:

— Monges como nós não devem aproximar-se de mulheres, especialmente se forem jovens moças bonitas. É perigoso. Por que tomaste a

linda donzela nos braços e a passaste ao outro lado do regato?

— Eu deixei definitivamente a donzela à beira da torrente — respondeu Tanzan. — Mas me parece que tu ainda a carregas contigo...



MALÁSIA

مليسي ا

## O NAVIO CHINÊS

Conto tradicional – Autor anônimo

Nenhum dos soberanos de Hinda e Sinda chegou a ser tão poderoso quanto o rajá Suran. Rendiam-lhe tributos todos os reis do Oriente e Ocidente, menos o dos chineses. Aborrecido com isto, levantou exércitos numerosíssimos para conquistar a China. Lançou-se à façanha com arrogância e ar de vencedor, matou pelas próprias mãos, no caminho, vários governantes e se casou com suas filhas, rumando assim, rapidamente, para realizar a sua ambição.

Quando se soube na China que o rajá Suran estava em marcha com seus exércitos, e que já havia entrado no país de Tamsack, o imperador chinês ficou consternado e, juntando os seus capitães e mandarins, disse-lhes:

— O rajá Suran ameaça desolar o meu império. O que me aconselham para me opor a seus desígnios?

Um sábio mandarim aproximou-se do monarca, respondendo:

— Dono do mundo, teu escravo sabe um meio oportuno para o caso.

— Empregue-o, pois — respondeu o imperador.

O mandarim deu as suas ordens para que equipassem um navio, carregando-o de uma boa quantidade de agulhas finas e enferrujadas, e dotando-o de árvores de Cahamach e de Birada. O barco não tomou a bordo senão velhos desdentados e rumou até Tamsack, lá chegando em pouco tempo.

O rajá de Suran, recebendo a notícia de que acabava de chegar um navio da China, enviou mensageiros para saber, da tripulação, a que distância estava de seu país. Os chineses responderam:

— Quando fizemos vela, éramos ainda jovens. E, pesarosos de carecer, no



meio do mar, do verdor de nossos bosques, plantamos as sementes destas árvores. Hoje já somos velhos, os nossos dentes caíram; as sementes vingaram e chegaram a ser as árvores que vedes, e que têm dado fruto muito antes de nossa chegada a este lugar.

Mostraram-lhes, depois, algumas de suas agulhas enferrujadas e prosseguiram, dizendo-lhes:

— Estas barras de ferro, quando saímos da China, tinham a grossura de um braço e agora estão consumidas quase inteiramente. Não sabemos exatamente o número de anos que há transcorrido em nossa viagem, mas podeis calculá-lo pelos relatos que fizemos.

Os mensageiros contaram ao rajá Suran o que haviam ouvido.

— Se o relato dos chineses é verdadeiro — disse o conquistador —, então é certo que seu país está a uma distância infinita. Quando, pois,

chegaremos lá? O mais prudente é não pensar em tal expedição.

Dito isto, se pôs à frente de seus poderosos exércitos e deu a volta, retornando a seus estados.

Versão em português de autor desconhecido do séc. XIX. Fonte: **Universo Pitoresco**, Lisboa, 1839, ed. nº 1. Fizeram-se adaptações textuais.

ORIENTE MÉDIO

الشرق الأوسط

## A ÁGUA DO PARAÍSO

Conto tradicional – Autor anônimo

Um beduíno faminto e miserável, cujo nome era Harith, vivera sempre no deserto. Mudava-se de um lugar para o outro com a sua mulher Nafisa. Erva seca para o seu camelo, insetos, de vez em quando um punhado de tâmaras, um pouco de leite: uma vida dura e inconstante. Harith caçava os ratos do deserto para se apoderar das suas peles, e fazia cordas com as fibras de cânhamos e de palmeiras, que intentava vender nas caravanas.

Só bebia a água salobra que encontrava nos poços lamacentos.

Um dia, um novo curso d'água apareceu na areia. Harith provou aquela água desconhecida, que era amarga e salgada, e até um pouco turva. Mas pareceu-lhe que a água do verdadeiro

Paraíso tinha acabado de lhe escorrer pela garganta.

Encheu dois alforges de pele de cabra — uma para ele e outra para o califa Harun al-Rashid — e partiu para Bagdá. À sua chegada, após uma árdua viagem, contou a sua história aos guardas do palácio, conforme a prática estabelecida, e foi admitido a apresentar-se ao califa. Harith prostrou-se perante o Comendador dos Crentes e disse-lhe:

— Sou apenas um pobre beduíno, ligado ao deserto, onde o destino me fez nascer. Não conheço nada, a não ser o deserto, mas conheço-o bem. Conheço todas as águas que lá podem ser encontradas. É por isso que decidi trazê-la a vós, para que possais provar dela.

Harun al-Rashid mandou trazer uma bacia e provou a água do córrego amargo. Toda a corte o observava. Deu um bom trago, mas o seu rosto não expressou qualquer sentimento. Pensou por um momento e, depois, num

impulso, ordenou que o homem fosse levado e encarcerado, com a ordem estrita de que não visse ninguém. O beduíno, surpreso e desapontado, foi trancado numa cela.

— O que não é nada para nós é tudo para ele. O que para ele é a água do Paraíso, nada mais é do que uma bebida desagradável para nós. Mas temos de pensar na felicidade daquele homem, que acredita haver prestado a seu soberano um grande favor, em cumprimento a seu natural dever de súdito leal — disse o califa ao seu séquito, que estava curioso sobre a sua decisão.

Ao cair da noite, mandou chamar o beduíno. Ordenou aos seus guardas que o acompanhassem imediatamente para fora da cidade, até a entrada do deserto, sem lhe permitir ver o rio Tigre ou qualquer fonte da cidade, e sem lhe dar outra água que não a sua para beber. Quando o beduíno deixou o palácio na

calada da noite, viu o califa pela última vez. Harun al-Rashid deu-lhe mil moedas de ouro e disse:

— Eu te agradeço e te nomeio guardião da água do Paraíso. Irás administrá-la em meu nome. Guarda-a e protege-a. E que todos os viajantes e peregrinos saibam que te nomeei para o exercício desse cargo.

O beduíno, feliz, beijou a mão do califa e regressou rapidamente ao seu deserto.

## UMA BOA SAÍDA

Narciso Campillo (compilador)  
(1835 – 1900)

O Califa Hegiages, o terror de seus povos e horror do gênero humano, costumava viajar incógnito, percorrendo as cidades e vilas de seu império, o que o fazia séquito e estandartes.

Certo dia, encontrou um árabe, travou com ele uma conversação e disse-lhe:

— Olá, amigo! Gostaria que me dissesse quem é esse tal de Hegiages, de quem tanto se fala.

— Hegiages — respondeu o árabe — não é um homem. É um tigre, um monstro.

— O que se pode atribuir a ele?

— Todos os crimes possíveis.

— E o senhor, já o viu alguma vez?

— Nunca.



— Pois bem, levante os olhos —  
disse o sultão. — Eu sou Hegiages.

O árabe, sem surpreender-se,  
mirou-o fixamente e disse:

— E o senhor, sabe quem eu sou?

— Não. Não sei.

— Pois bem, eu sou da família de  
Zobair, na qual cada um de seus  
membros fica louco em um dia do ano.  
Meu dia é hoje.

Hegiages sorriu ao ouvir a escusa  
tão engenhosa e o perdoou sem  
dificuldade.

## A VELHA E O SULTÃO

Paulo Soriano

Uma conversa fortuita me trouxe à lembrança uma velha — conquanto atual — lenda oriental.

Conta-se que, há muitos séculos, uma pobre senhora orava todas as noites a Alá, rogando pela saúde do sultão.

Isto muito surpreendeu os vizinhos, porque o sultão era, dentre todos os soberanos da Terra, o mais tirânico e, como déspota impiedoso, não podia deixar de ser odiado, especialmente pelos mais pobres e oprimidos.

E tão fervorosas e sinceras eram aquelas preces que, espalhando-se a notícia por toda Bagdá, não custou muito a que o inusitado acontecimento chegasse aos ouvidos do próprio sultão.

O sanguinário soberano, intrigado com aquele tão surpreendente comportamento, mandou que lhe

trouxessem a velha mulher. Acreditava que, entre todos os seus súditos, finalmente encontrara alguém que o amava verdadeiramente, apesar de toda tirania.

— É verdade, senhora, que oras todas as noites com imenso ardor e devoção? — perguntou o soberano.

— Sim, Comendador dos Crentes. É verdade.

— E por quem oras?

— Oro por vós, majestade. Peço a Alá — louvado seja! — por vossa saúde. A nosso Deus imploro por que tenhais exuberante saúde e vida longa.

— Mas... por quê?

— Senhor, quando eu era uma menina, vosso avô subiu ao trono. Logo todos viram que o novo monarca era mais tirânico do que o seu antecessor. Morto o vosso avô, ascendeu ao reino o vosso pai, que se revelou ainda mais cruel e impiedoso que o monarca precedente. Falecido o vosso pai, foi a

vossa vez de superar, infinitamente, o vosso pai em crueldade e inclemência. Pelo bem dos pobres e desvalidos, peço a Alá que prolongue indefinidamente os vossos dias, pois todos nós tememos o soberano que virá depois.

Embora nada agradáveis lhe parecessem aquelas francas palavras, que antecipavam uma morte lenta e crudelíssima, o sultão — porque Alá sempre atende às preces sinceras e fervorosas dos puros de coração — julgou por bem, antevendo em seu caminho uma vida longa e saudável, poupar a vida da pobre mulher.

Conto inspirado em narrativa oriental tradicional. Publicado, originalmente, na **Folha de Ponte Nova**, edição de 22 de outubro de 2021.

## O LOUCO

Khalil Gibran

(1883 – 1931)

No jardim de um hospício, conheci um jovem homem de rosto pálido e encantador. Tinha ele uma esplêndida aparência.

E, sentando-me num banco ao seu lado, perguntei:

— Por que estás aqui?

Com espanto, ele me olhou, dizendo:

— Esta é uma pergunta inconveniente. Todavia, mesmo assim, responderei. Pretendia o meu pai fazer de mim uma reprodução de si mesmo. A mesma coisa queria o meu tio. Minha mãe tinha na figura de seu marido, um marinheiro, um exemplo perfeito a ser imitado. Meu irmão achava que eu deveria ser igual a ele, um grande atleta.

“E meus professores — o doutor em filosofia, o mestre em música e o de lógica — já haviam deliberado: cada um deles teria em mim o reflexo de suas próprias faces num espelho.

“Foi por isto que me recolhi a este lugar. Considero este ambiente muito mais saudável. Aqui, pelo menos, eu posso ser eu mesmo”.

Então, repentinamente, ele voltou-se para mim e disse:

— Mas, diga-me: foram a educação e o bom conselho te trouxeram aqui?

— Não, sou apenas um visitante — respondi.

Ele disse:

— Ah, então tu és um dos que moram no hospício do outro lado do muro!...

## O REI SÁBIO

Khalil Gibran

(1883 – 1931)

Era uma vez, na distante cidade de Wirani, um rei que governava os seus súditos com autoridade e sabedoria. O povo o temia por sua autoridade e o amava por sua sabedoria.

Havia, no coração daquela cidade, um poço de água fresca e cristalina. Todos os cidadãos, e mesmo o rei, dela bebiam, pois era a única fonte do lugar.

Uma noite, quando todos dormiam, uma bruxa penetrou na cidade. Lá, derramou sete gotas de um misterioso líquido no poço, dizendo:

— De agora em diante, quem beber desta água ficará louco.

Na manhã seguinte, à exceção do rei e de seu grão-camareiro, todos os habitantes do reino beberam da água do

poço. Enlouqueceram, então, como vaticinara a bruxa.

E, naquele dia, nas ruas estreitas e na praça do mercado, as pessoas não paravam de cochichar umas às outras:

— O rei está louco! Nosso rei e o seu grão-camareiro perderam o juízo. Com certeza, um rei louco não pode nos governar. Devemos destronar o nosso soberano.

Naquela noite, o rei ordenou que enchessem uma grande taça com a água do poço. E, quando a trouxeram, bebeu profusamente e entregou o cálice ao grão-camareiro, para que bebesse também.

E grande foi o regozijo na cidade Wirani: o seu rei e o camareiro haviam recobrado a razão!



## A ESTÁTUA

Khalil Gibran

(1883 – 1931)

Certo homem, que morava em meio as colinas, conservava consigo uma estátua esculpida por um antigo mestre. Ficava a estátua encostada à porta, emborcada, e o seu dono nunca lhe prestava atenção.

Certo dia, um homem sábio, que passava diante sua casa, notou a estátua. Indagou ao dono se gostaria de vendê-la.

— Quem poderia estar interessado em adquirir esta estátua suja e desinteressante? — respondeu, sorrindo, o dono.

— Pois eu dou por ela uma peça de prata — disse o cidadão.

O outro homem ficou atônito e deslumbrado.

Sobre o dorso de um elefante, levaram a estátua à cidade. E, transcorridas muitas luas, o homem da colina desceu à cidade. Passeando pelas ruas, vislumbrou uma multidão parada à frente de uma tenda. Lá estava um homem que, em alta voz, bradava:

— Vinde e admireis a mais encantadora e bela estátua do mundo! Vinde! São apenas duas moedas de prata para contemplar a mais extraordinária obra de um mestre escultor!

Então o homem das colinas pagou as moedas de prata.

Entrou na tenda apenas para contemplar a mesma estátua que ele tinha vendido por uma só moeda.

## AS SONÂMBULAS

Khalil Gibran

(1883 – 1931)

Na cidade em que nasci havia uma mulher e sua filha, que perambulavam enquanto dormiam.

Uma noite, enquanto o silêncio envolvia o mundo, a mulher e a filha, caminhando em pleno sono, encontraram-se no jardim mergulhado num véu de névoa.

— Ah! Finalmente, finalmente! — disse a mãe. — És tu, minha inimiga! Tu que destruíste a minha juventude; que, sobre as minhas ruínas, edificaste a tua vida! Como quero te matar!

— Ó mulher odiosa, velha e egoísta! — respondeu a filha. — Que te interpões entre mim e a minha plena liberdade. Queres que a minha vida seja um eco de tua vida murcha. Eu queria que tu estivesses morta!

Naquele momento, o galo cantou.  
Ambas as mulheres acordaram.

— És tu, meu amor? — disse a mãe,  
gentilmente.

E, com amabilidade, respondeu-lhe  
a filha:

— Sim, mãe querida!

## O VELHO, VELHO VINHO

Khalil Gibran

(1883 – 1931)

Era um homem rico muito orgulhoso de sua adega e dos vinhos que nela havia. Dentre as garrafas de sua adega havia um vinho envelhecido, que ele guardava para uma ocasião que somente ele saberia.

Tendo o governador da província feito-lhe uma visita, o homem, após meditar, disse com os seus botões:

— Aquela garrafa não há de ser aberta para um mero governador.

O bispo da diocese veio visitá-lo, mas ele disse consigo mesmo:

— Não, eu não vou abrir a garrafa. O clérigo não saberia estimar o seu valor, nem o seu perfume chegaria ao seu nariz.

O príncipe do reino veio jantar com ele. Ele, contudo, pensou:

— Aquele é um vinho deveras majestoso para um simples príncipe.

E mesmo no dia do casamento de seu sobrinho, ele disse a si mesmo:

— Não, minha garrafa não foi feita para esses convidados.

E passaram-se os anos. Já muito velho, o homem morreu e foi sepultado como uma semente ou bolota qualquer.

No dia seguinte ao seu enterro, tanto a antiga garrafa de vinho quanto as demais de sua adega foram partilhadas entre os camponeses da vizinhança. E ninguém se deu conta da imensa antiguidade daquele vinho.

Para os camponeses, tudo o que se entorna num copo é apenas vinho, nada mais.

## OS DOIS HOMENS SÁBIOS

Khalil Gibran

(1883 – 1931)

Outrora, viviam na antiga cidade de Afkar dois homens sábios que odiavam e menosprezavam a erudição um do outro. Isto era assim porque um deles negava a existência dos deuses, enquanto o outro acreditava que os deuses existiam.

Certo dia, encontraram-se os dois no mercado e, em meio a seus prosélitos, começaram a debater e a discutir sobre a existência ou a não-existência dos deuses. Depois de horas de contendas, eles se separaram.

Naquela noite, o homem incrédulo rumou ao templo e, prostrando-se diante do altar, orou aos deuses, rogando-lhes que lhe perdoassem o passado de rebeldia.

E, naquela mesma hora, o outro erudito, que sustentava a existência dos deuses, queimava seus livros sagrados: havia se tornado um incrédulo.



## OS DOIS AMIGOS

Conto tradicional – Autor anônimo

Dois amigos viajavam no deserto. A certa altura da viagem, brigaram.

Um deles, sentindo-se ofendido, mas nada dizendo, escreveu na areia:

*"Hoje meu melhor amigo deu-me  
uma bofetada na cara."*

Seguindo a viagem, chegaram a um oásis, onde resolveram tomar banho. O que havia sido esbofeteado e humilhado começou a afogar-se, mas foi socorrido pelo amigo. Quando se recuperou, tomou um estilete e escreveu numa pedra:

*"Hoje meu melhor amigo salvou  
minha vida."*

Intrigado, o amigo perguntou:

— Por que, depois que eu te machuquei, escreveste na areia e, agora, gravas na pedra as tuas palavras?

Sorrindo, o outro amigo respondeu:

— Quando um grande amigo nos ofende, devemos escrever na areia; nela, o vento do esquecimento e do perdão se encarrega de tudo apagar; de sua feita, quando algo de grandioso nos acontece, temos que o registrar, a estilete, na pedra da memória do coração, onde nenhum vento do mundo pode apagar, o que foi escrito.

## O CONSELHO SALVADOR

Conto tradicional – Autor anônimo

Nos tempos antigos, um rei da Tartária caminhava com alguns dos seus nobres. À beira da estrada estava um dervixe que, ao ver o séquito real, exclamou:

— Darei um bom conselho a quem me pagar uma centena de dinares.

O dervixe que falava era um religioso errante, que seguia uma vida de contemplação e austeridade.

O rei parou e disse:

— Dervixe, que bom conselho é este que me darás em troca de cem dinares?

— Senhor — respondeu o dervixe —, ordena que essa soma me seja dada e eu o aconselharei imediatamente.

O rei obedeceu, na expectativa de ouvir algo extraordinário.

O religioso disse-lhe:

— Este é o meu conselho: nunca comeces nada sem antes pensar qual será o seu fim.

A estas palavras, os nobres e todos os presentes desataram a rir, dizendo que o dervixe tinha sido muito inteligente ao pedir o dinheiro antecipadamente.

O rei, contudo, disse:

— Não há motivos para rir dos bons conselhos desse sábio homem. Ninguém ignora que devemos refletir antes de fazer alguma coisa. No entanto, todos os dias somos culpados de não nos lembrarmos disso e as consequências são terríveis. Eu realmente aprecio este conselho do dervixe.

Assim, o rei decidiu lembrar-se sempre daquele conselho e ordenou que fosse este escrito nas paredes, em letras douradas, e mesmo gravado em sua prataria.

Pouco tempo depois, um conspirador concebeu a ideia de matar o

rei. Subornou o cirurgião real, com a promessa de torná-lo o primeiro-ministro, se enfiasse uma lanceta envenenada no braço do rei. Quando chegou a hora de tirar sangue do soberano, colocou-se uma bacia para recolher o sangue. De repente, o cirurgião viu as palavras gravadas no utensílio:

*“Nunca comeces nada sem primeiro pensar qual será o seu fim.”*

Foi então que o cirurgião percebeu que, se o conspirador se tornasse rei, a primeira coisa que faria seria executá-lo, e por isso não precisaria cumprir o seu compromisso. O rei, vendo que o cirurgião tremia, perguntou-lhe o que lhe passava, e o médico confessou imediatamente a verdade.

O autor da intriga foi capturado. O rei reuniu todas as pessoas que estavam

presentes quando o dervixe lhe deu o conselho e disse-lhes:

— Os senhores ainda riem do conselho do dervixe?

## OS ESPECIALISTAS DA MORTE

Conto tradicional – Autor anônimo

Um homem, considerado morto, foi levado por seus amigos para ser enterrado. Prestes a ser introduzido no túmulo, o homem reviveu e começou a bater na tampa do caixão.

— O que vocês estão fazendo, idiotas? — disse ele à surpresa assistência depois que lhe abriram o caixão. — Eu estou vivo. Não morri!

As suas palavras deixaram perplexos os enlutados. Por fim, um deles conseguiu falar:

— Amigo, os médicos e os sacerdotes atestaram sua morte. Como os especialistas poderiam estar errados? Quer você, como leigo, saber mais do que eles?

Então pregaram novamente a tampa do caixão e o enterraram apropriadamente.



PÉRSIA

فارس

## O TESOURO

Saadi

(1210 – 1292)

Viajavam juntos três habitantes de Baleks. No caminho, acharam um tesouro e o dividiram entre si.

Prosseguindo em sua jornada, falavam sobre o emprego que fariam da sua nova riqueza.

Tendo acabado as provisões, convieram em que um deles iria comprá-las na cidade, e que o mais moço se encarregaria dessa incumbência.

O jovem partiu.

Logo que se viu sozinho, disse a si mesmo:

— Agora já estou rico. Porém, mais rico estaria se, quando o tesouro apareceu, eu não estivesse acompanhado. Esses dois homens usurparam as minhas riquezas... Não seria possível retomá-las? É coisa fácil:

que mais seria necessário do que envenenar os víveres que comprarei, e dizer-lhes, na volta, que já havia jantado na cidade? Meus companheiros comeriam sem desconfiança, morreriam e eu, que só tenho a terça parte do tesouro, ficaria dono de tudo.

Entrementes, os outros dois viajantes diziam um para o outro:

— Que necessidade tínhamos de que este moço viesse a associar-se conosco? Vimo-nos obrigados a repartir com ele o tesouro, quando a sua porção teria aumentado as nossas, com o que ficaríamos verdadeiramente ricos. Mas ele há de voltar. Nós temos bons punhais.

O mais moço voltou efetivamente, mas com os víveres envenenados. Os seus companheiros o assassinaram, comeram e morreram em seguida.

O tesouro tornou a ficar sem dono.

Texto reelaborado a partir da tradução de Francisco Freire de Carvalho (**Fábulas Orientais de Saadi**, Rio de Janeiro, 1831).

## SALOMÃO E AZRAEL

Rumi

(1207 – 1273)

Um homem apresentou-se muito cedo ao palácio do profeta Salomão. Tinha o rosto pálido e os lábios exangues.

Salomão, vendo-o assim, perguntou:

— Por que estás em tal estado?

O homem respondeu:

— Azrael, o anjo da morte, me lançou um olhar impressionante, cheio de ódio. Manda — eu te suplico! — que o vento me transporte para a Índia, pondo a salvo o meu corpo e a minha alma!

Salomão mandou, pois, que o vento fizesse o que o homem lhe pedira.

No dia seguinte, o profeta perguntou a Azrael:

— Por que lançaste um olhar tão inquietante àquele homem, que é um fiel? Causaste nele tão grande pavor que abandonou a sua pátria.

Azrael respondeu:

— Ele interpretou mal o meu olhar. Não o olhei com ódio, mas com assombro. Alá, de fato, me havia ordenado a ceifar a sua vida na Índia e eu me perguntei: como poderia ele transportar-se para a Índia?

TURQUIA

Türkiye

## A ESPOSA PREFERIDA

Conto tradicional – Autor anônimo

Nasrudin, o sábio muçulmano, tomou para si uma segunda esposa, mas as duas mulheres pediam-lhe sempre para que ele escolhesse uma favorita. Cansado da constante rivalidade e disputa por mais atenção, foi ao bazar e comprou duas fitas verdes idênticas. Quando regressou a casa, chamou as duas mulheres separadamente e deu a cada uma delas uma fita.

— Usa esta fita debaixo da roupa, mas não a mostres nem fales dela a ninguém — disse ele, reservadamente, a cada uma.

Da vez seguinte em que as duas mulheres quiseram saber qual delas era a preferida, disse ele:

— A minha esposa favorita é aquela que tem uma fita verde sob a roupa.



## O CASTIGO

Conto tradicional – Autor anônimo

Disse Nasrudin à sua esposa:

— Se amanhã fizer um bom dia, irei ao mercado comprar um burro.

— Esqueceste de acrescentar: *se Alá quiser* — disse a esposa.

Mas Nasrudin, exasperado por uma série de infortúnios, disse mal-humorado:

— Alá nunca parece querer nada. Estou cansado de dizer essas palavras, mas parece que elas são inúteis.

O dia seguinte amanheceu ensolarado e sábio foi ao leilão de burros, onde comprou um por um preço muito razoável. Montado no seu novo burro, ele partiu para casa.

— Quem precisa dos bons votos de Deus? — disse, feliz, a se mesmo. — Encontrei uma verdadeira pechincha e sem a Sua aprovação.

Nesse preciso instante, uma cobra deslizou pelo caminho. O burro, assustado, dobrou-se e Nasrudin projetou-se no ar, aterrissando num arbusto cheio de espinhos. Enquanto lutava para se libertar, as raízes do arbusto desprenderam-se, e a arvorezinha rolou com ele colina abaixo, até o sopé da encosta. Nasrudin fez o melhor que pôde para se libertar dos espinhos.

Ferido, sangrando, com as roupas rasgadas e esfarrapadas, Nasrudin coxeou para casa. Mas estava tão distante de sua aldeia que, quando chegou, já era noite.

Bateu à porta, invocando a sua última força.

— Quem é? — perguntou a esposa.

— Abre, mulher" — respondeu Nasrudin, prestes a desfalecer. — Sou eu, *se Alá quiser!*

## REFLEXÃO

Conto tradicional – Autor anônimo

Um grupo de comerciantes falava do governante da cidade, que tinha acabado de morrer.

– Nunca tivemos um homem tão corrupto e ganancioso – disse um deles.

– Se ele tiver ido para o paraíso, divorcio-me da minha jovem e bela esposa e deixo a cidade.

– Deus age de formas misteriosas – disse outro. – O prefeito pode, muito bem, ter-se regenerado, sendo por isso aceito no Paraíso.

– Nasrudin – disse um terceiro – , diz-nos tu, que tens a pretensão de conhecer todas as respostas: o prefeito foi para o céu ou para o inferno?

Após alguns breves momentos de reflexão, o sábio respondeu:

– Nenhum homem pode saber como é que o Todo-Poderoso toma essas

decisões. O prefeito pode estar sentado no Paraíso enquanto conversamos.

Os mercadores assentiram com a cabeça e olharam com expectativa para aquele que tinha prometido deixar a cidade.

— Mas — continuou Nasrudin — se Deus é suficientemente magnânimo para perdoar o prefeito pelas atrocidades que cometeu enquanto era vivo, certamente perdoará algumas promessas precipitadas aqui feitas pelo nosso amigo e há de permitir que ele permaneça com a sua jovem esposa.

## O JUIZ JULGADO

Conto tradicional – Autor anônimo

Certa feita, Nasrudin, enquanto passeava, tropeçou em um homem bêbado que jazia estirado na grama. Virando-o de costa, Nasrudin reconheceu no bêbado um juiz — um magistrado cuja fama decorria das rigorosas sentenças que prolatava contra os acusados de transgressões morais. Nasrudin tirou do juiz os elegantes chinelos, despiu-o da capa e retomou o seu caminho.

No dia seguinte, quando o juiz, cambaleando, voltou para casa, notou que havia sido furtado. Pálido, ordenou à polícia que revistassem cada casa, até encontrar o culpado. Pouco tardou para que Nasrudin fosse conduzido ao tribunal.

— Onde conseguiste estes chinelos e essa capa? — perguntou-lhe o juiz.

— Levei-os de um bêbado que encontrei caído na sarjeta na noite passada — disse o sábio. — Desde então, tento devolvê-los, mas não sei a identidade do pobre bêbado. Vossa excelência por acaso não o conhece?

— Ora, é claro que não! — replicou o juiz. — E caso encerrado!

## ENGANANDO A MORTE

Conto tradicional – Autor anônimo

O anjo da morte veio um dia à casa de Nasrudin e anunciou:

– Chegou a tua hora. Prepara-te para seres levado para o outro mundo.

Pasmo e tremendo de medo, com a cara branca como a neve, Nasrudin conseguiu balbuciar:

– Eu sou muçulmano e gostaria de ter uma última oportunidade para mostrar que me arrependo profundamente da minha má conduta passada.

– Que oportunidade desejas? – perguntou o anjo.

– Se eu pudesse dispor de um tempinho para realizar as cinco orações antes da minha morte – suspirou Nasrudin –, tenho a certeza de que seguiria o meu caminho em paz.

— Muito bem — respondeu o anjo.  
— Voltarei amanhã a esta hora, quando tiveres dito as tuas cinco orações.

No dia seguinte, o anjo tenebroso chegou à hora marcada.

— Tiveste um dia extra de vida, Nasrudin. — Agora tens de vir comigo.

— Não me prometeste que me permitirias fazer as cinco orações antes de morrer?

— Assim o prometi.

— Bem, só fiz duas delas.

— E quando é que vais dizer as orações restantes?

— Ora, quando eu quiser e bem entender...



## O BURRO MAL-EDUCADO

Conto tradicional – Autor anônimo

Estando em Bagdá, Nasrudin perdeu o seu burro. Depois de procurar por ele durante várias horas, o sábio se sentou, numa sala de chá no centro da cidade, para pensar em que faria. Foi então que observou uma multidão reunida ao lado da universidade. Foi lá investigar e descobriu o seu burro rodeado por um grupo de estudiosos.

— O teu burro causou estragos nesta honorável sede do saber — uivou o reitor. — Deves pagar uma grande multa.

— Sem dúvida — respondeu Nasrudin — que sou eu que devo cobrar-te. Eu tinha um burro perfeitamente bem criado e educado. Olha para ele agora! Após algumas horas na universidade, tornou-se um delinquente...

## O MILAGRE

Conto tradicional – Autor anônimo

— Somente as figuras mais impressionantes da história, os grandes profetas, podiam fazer milagres — exclamou o imã, numa reunião que se fazia na praça da cidade.

— Eles podiam ressuscitar os mortos? — perguntou Nasrudin.

— Claro — respondeu o imã. — O Alcorão descreve muitos casos de ressurreição.

— Então — disse o sábio Nasrudin —, estou disposto a provar que qualquer pessoa pode realizar milagres semelhantes.

— Tu te atreves a sugerir que também podes ressuscitar os mortos? — disse o imã, com a voz entrecortada.

— Trazei-me uma espada e eu o provarei — respondeu Nasrudin.

Trouxeram uma espada e a multidão esticou o pescoço para ver o milagre.

— O que vais fazer? — o imã perguntou quando Nasruddin apontou a lâmina para ele.

— Vou cortar-te a cabeça para que possamos todos ter alguns momentos de paz e, depois, eu a colocarei de volta ao teu corpo e tu te sentirás como novo.

— Não há necessidade de demonstração — respondeu o imã, nervoso. — Eu só queria testar-te. Sei perfeitamente bem que tu podes realizar milagres.

# CRÉDITOS

Título: Breves Contos Orientais

© Paulo Soriano, 2021.

Salvo indicação expressa em contrário, as traduções e versões em português são de Paulo Soriano.

Imagem da capa e do miolo: Kitagawa Utamaro  
(1753 - 1806).

Editora: **Free Books Editora Virtual.**

Ano de Publicação: 2021.